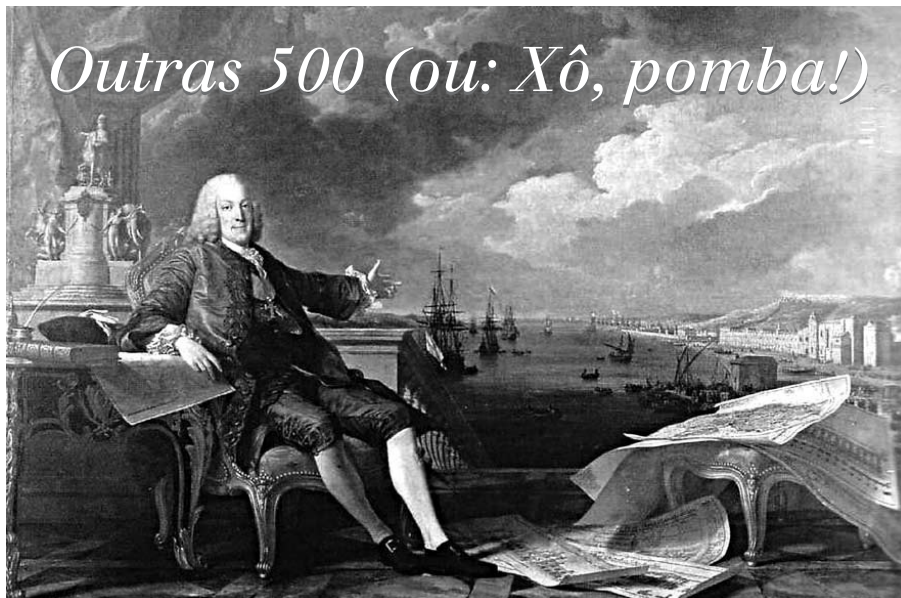




Outras 500 (ou: Xô, pomba!)



Era uma vez um marquês, al-cunhado de Pombal, com idéias modernas sobre a administração do Estado. Esse Marquês de Pombal - ministro do Reino de Portugal - vivia o Século das Luzes, cultuando a razão e amando a ordem, avesso a barroquismos que infelizmente desregam nosso mundo, tais como os terremotos e a diversidade cultural. Preocupava-se o marquês com a anarquia lingüística que grassava na Colônia do Brasil, e, por éditto seu, banii da colônia toda língua que não o português. O inimigo número 1 era o nheengatu, ou língua geral, crioulo de base

tupi falado por índios e europeus de várias cepas, bandeirantes, padres jesuítas e mazombos, ou brasileiros natos. Pombal visava dois objetivos numa só flechada: assegurar a supremacia de sua língua (o alvo, digamos, sociocultural) e neutralizar a influência inaciana entre a população nativa (o alvo nitidamente político, mais ao gosto das maneiras do marquês).

O que emergiu dessa historieta? Os leitores de Aستير irão entender, e os demais perdoar, a seguinte passagem. Estamos no alvorecer do século 21 d.C., esplendor da hegemonia social-democrata de petistas & tucanos, e todo o Brasil fala uma só língua... Todo? Não! Uma aldeia povoada por irredutíveis brasileiros ainda resiste à lusofonia invasora. A aldeia no caso é o município de São Gabriel da Cachoeira, que jogou areia no mito redutor do Brasil unilíngüe ao conceder status oficial a duas línguas indígenas, além do próprio nheengatu. Se os brasileiros continuam falando línguas banidas, após 300 anos vivendo sob a oficialidade exclusiva do português, não devíamos desconfiar da pertinência desse tipo de imposição lingüística? Dá-se a essa e outras reformas de Pombal, e em termos mais gerais, às tentativas de modernizar um Portugal combatido na corrida imperialista europeia, o nome de “pombalismo”. Como vimos no caso de São Gabriel da Cachoeira, essas ações modernizantes podem esconder outra ordem de coisas, uma que diz respeito diretamente ao modo de viver das pessoas. Em benefício da coerência, vou também chamar tais engodos oficiais, bem arquitetados e nada generosos, de pombalismo.

Do Brasil-colônia do século 18, passamos à Nigéria-colônia do século 20 e nos deparamos com a mesma velha história de romanos invadindo e (alguns) gauleses resistindo, mas com desdobramentos bem diversos, especialmente quanto à mudança e conservação do mapa lingüístico. Na Nigéria é oficial a língua do invasor, mas centenas de línguas locais (mais de 500!) permanecem irredutíveis, faladas das pequenas aldeias às conturbadas megalópoles nigerianas. Três delas, o haussa, o iorubá e o ibo, ostentam mais de 20 milhões de falantes cada e têm estatuto de co-oficiais, ensinadas e até utilizadas no sistema educacional nigeriano e em qualquer conversa de botequim. Qual será o segredo dessa

irredutibilidade lingüística? E será que isso - como viu Deus, na Bíblia - era bom?

Assim como o Portugal iluminista, o Império Britânico de qualquer época impôs sua língua aos povos submetidos, mas não com leis de exclusividade (nem na própria Inglaterra, diga-se). O pombalismo britânico passa pelas maquinações mais sutis do free business, cantado por Adam Smith em sua *Riqueza das nações* (talvez lida, mas não seguida, por Pombal): se o negócio é lucrar, a estratégia de acumulação mercantilista, para as colônias, é redundante. É curioso que o ano de 1759 marque igualmente a confirmação do Marquês de Pombal (então Conde de Oeiras) como o capo di tutti capi de Portugal, e a publicação de outra obra de Adam Smith: *A teoria dos sentimentos morais*. Influenciado pelo amigo David Hume, Smith toca, nesse livro, em uma questão do nosso tempo: a contingência dos relacionamentos interpessoais na constituição da “moral individual”. O livro moral de Adam Smith tem chaves valiosas para sua obra mais conhecida, a econômica. E também para o pombalismo anglo-nigeriano.

É verdade que, ao contrário dos portugueses, que emprenharam índias Brasil afora (reproduzindo falantes das línguas nativas tanto quanto do português), os ingleses pouco se misturaram. Na colonização britânica das Américas (de que os EUA são produto típico), os nativos

foram antes exterminados que impregnados de língua e cultura inglesas. Também parece certo que, na altura da ocupação da África (quando o Adam Smith econômico já era largamente praticado), não era interesse britânico converter as possessões em uma Inglaterra Ultramarina, mas obter lucro fácil com os recursos locais, legando à terra pilhada apenas o suficiente para a rapina prosperar. Nessa perspectiva, em que só enxergamos as ações do colonizador, os nativos são deixados mais ou menos à vontade com as próprias línguas, ainda que precisem utilizar a dos senhores para tocar a vida.

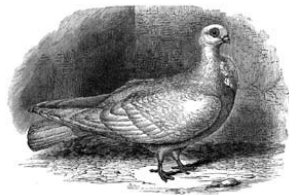
O que deixamos de fora na análise acima é algo como a teoria dos sentimentos morais de Adam Smith, mas em escala coletiva: o encontro particular entre povos e instituições como uma alternativa, talvez melhor, para entendermos o que acontece com o desenvolvimento lingüístico em um lugar. Se o país-colônia Nigéria é invenção britânica, os povos que ali estavam já viviam seu “processo civilizatório” há séculos, e, ao contrário dos índios americanos (mesmo os orgulhosos incas e astecas), já possuíam milhas acumuladas de contato com a cultura europeia, além da árabe. Deu-se na Nigéria o que sucedeu na Índia, colonizada e anglicizada, mas nunca depauperada de sua enorme diversidade lingüística, por conta de formas bem estabelecidas de interação local e do encontro particular desse sistema com o comportamento do invasor.

A atual Nigéria foi, e continua sendo, um estonteante arco-íris étnico e lingüístico, mesmo para os padrões africanos. Nesse país estão representadas as três grandes famílias de línguas da África: a afro-asiática (família do haussa na Nigéria, e também do árabe, do hebraico, do bérbere e do aramaico); a nilo-saariana (do kanuri na Nigéria, e do luó e do masai no Quênia, na Tanzânia e em Uganda); e a niger-congo, das superlínguas nigerianas iorubá e ibo. Essa família inclui ainda o grande grupo bantu, de línguas bem conhecidas nossas, como o quimbundo (parte inalienável do vocabulário brasileiro, em palavras como “farofa”, “xingar” e “bunda”) e outras igualmente populares e disseminadas, como o zulu (saudades de Miriam Makebe) e o correspondente ao nheengatu no leste africano, a língua geral suafii (hakuna matata).

A aquarela lingüística nigeriana pinta uma paisagem de dezenas de milhões de pessoas com diversificados modos de vida, que realizam partilhando suas línguas e as dos outros povos com quem mantêm relações comerciais, culturais e afetivas. Todo nigeriano é, no mínimo, bilíngüe (em regra, políglota), e o é por conta de uma prática de relações que se conserva tanto na história do povo quanto no desenvolvimento individual. Mesmo carregando o ônus de língua do colonizador, o inglês veio assentar-se em um terreno já fértil de - e receptivo a - segundos fala-



“ÍNDIGENAS DO BRASIL” ASSIMILAM A CULTURA EUROPEIA



res. O inglês nigeriou-se como o português brasileiro, e é falado segundo a variação local (que aqui chamo “iorubinglish”) ou como *pidgin*, isto é, mesclado para uso geral. E então vem o pombalismo negar a importância da diversidade lingüística na vida das pessoas, e pior, taxar de pernicioso ou obsoleta tal diversidade. Essa babel ensurdecadora - dizem os pombalistas - é um entrave ao progresso em um mundo globalizado, ao fluir suave da gestão pública e do comércio, uma fonte de mal-entendidos beligerantes, enfim, uma aberração da natureza originalmente harmoniosa da humanidade. Eu gostaria de ruminar aqui cada um desses chauvinismos, mas há que se respeitar o espaço do jornal e a paciência de quem lê. Apenas menciono duas jóias que costumamos ouvir nas ruas, na mídia, nos pronunciamentos oficiais e nos corredores das universidades.

Antes de embarcar para a Nigéria, eu comentava o incrível número de línguas faladas nesse país, e ouvia variações do mesmo tema: “É... na África tem aqueles dialetos todos...”. Pô, dialetos? Não vou discutir os conceitos, bastante controversos em ciência, de língua e dialeto. O que me interessa é que tipo de conversas temos mantido no Brasil, e em outras plagas ocidentais, para negar às línguas africanas a mesma legitimidade

do francês ou do japonês. Pois esse pensamento não é privilégio de uns poucos desinformados, mas bastante consensual (fora o debate entre nós, lingüistas, de pouca ajuda aqui). É o mesmo pensamento que torna verossímil o monolingüismo brasileiro. Que nos faz desprezar a língua falada por uma comunidade nos confins do Alto Solimões e ignorar que essas pessoas (não importa se dez ou dez mil) vivem suas vidas na própria língua, não a oficial, e por isso vivem pior, amordaçadas pela institucionalidade vigente.

Chegando à Nigéria, vejo que até tu, África, te entregas a pombalismos redutores, ao correlacionar variação étnica e os problemas de justiça social, de transparência política, de convivência. Estamos tão viciados em ler e ouvir notícias sobre “conflitos étnicos”, que esse termo, banalizado, confunde nossas cabecinhas, sugerindo que uma diferença (de natureza) é a causa das outras diferenças (de opiniões, de interesses). O episódio de Biafra, nos anos 60, quando milhões morreram por falta de comida mais que de bala, é documentado como uma separação entre os ibos, do sudeste, e os haussas e iorubás da restante Nigéria. Uma diferença entre usuários de diferentes linguagens, não é? Difícil de engolir, se nos lembrarmos que além de fluentes em línguas nativas, os

nigerianos falam oficialmente o inglês, idioma do governo e da imprensa, da diplomacia e do petróleo. Difícil de engolir, se nos lembrarmos que o povo iorubá atravessou o Século das Luzes em guerra civil, falando, é claro, uma só língua. E será que nos lembramos que, há algumas décadas, alemães mataram alemães, e franceses mataram franceses, falando a mesma língua, embora a segunda metade freqüentasse a sinagoga local?

Nutro um amor quase profissional pela pomba cinza-azulada - *Columba livia* -, organismo de história e beleza particulares, como todo organismo. Meu herói Charles Darwin foi um cuidadoso criador desse animal, e a variação da pomba em estado doméstico alimentou o naturalista inglês na gestação de sua teoria evolutiva. As pombas que enfeitam nossas praças (Trafalgar Square, a praça Marquês de Pombal...) descendem dessa pomba doméstica, que voou de volta ao estado selvagem, isto é, a essa selva caótica da modernidade que são os aglomerados urbanos. Assim, vou abstrair o bicho e evocar a imagem cidadina (londrina, lisboeta...) de pássaros defecando em nossas cabeças em plena via pública. Para mim, essa é a imagem mais adequada ao conceito de pombalismo, seja ele despejado nas 500 línguas nigerianas ou nas 200 brasileiras.

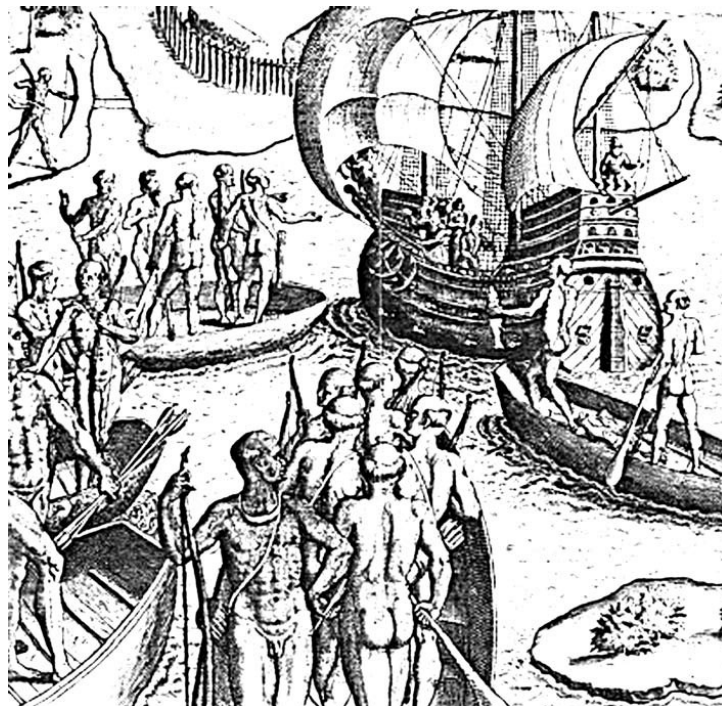
Filósofos, índios & hippies na panelinha.

FRANCESCO NAPOLI

A carta de Pero Vaz de Caminha contém uma narrativa que revela muito de nós brasileiros: como disse Sérgio Buarque – homens cordiais. Além de nossas instituições terem sido inventadas com propósitos repressores e sem participação popular, existe o fato de sermos culturalmente mais passionais que os ilustrados europeus e norte-americanos. Inclusive o próprio termo cordialidade tem sua origem etimológica ligada à palavra coração, sugerindo essa passionalidade.

Pero Vaz narra que a primeira vez que os indígenas brasileiros adentraram a nave, depois de provarem e cuspirem as comidas oferecidas se deitaram e dormiram dentro da caravela. É impressionante pensarmos como estes índios não se sentiram ameaçados e já demonstravam uma sincera e espontânea cordialidade para com os portugueses. Nunca nada tinha significado uma grande ameaça.

Mesmo os portugueses sendo estranhos, barbudos e provavelmente cheirando mal depois de meses da viagem, os indígenas os “acolheram”. Pero Vaz nos diz ainda que os indígenas ajudaram a carregar mantimentos e se entrosaram rapidamente, mesmo com a barreira da linguagem. Mal sabiam eles do futuro que lhes esperava...



Essa passionalidade também justifica a ausência de grandes nomes da filosofia em Portugal e no Brasil. Segundo o filósofo Paulo Roberto Margutti Pinto, que manteve um grupo de estudos sobre filosofia brasileira na FAFICH/UFMG, os portugueses têm culturalmente certo lirismo e se expressam melhor por meio da literatura do que por meio de compêndios filosóficos.

Por isso existem grandes nomes na literatura portuguesa, desde Camões até Pessoa. Nós brasileiros teríamos herdado essa forma de tratar os temas filosóficos e não temos grandes filósofos, mas grandes escritores. O fato de Nietzsche ser mais conhecido do que Kant em termos de senso comum é uma boa ilustração desse argumento. Certa vez vi em Ouro Preto um *hippie* lendo Zaratustra.

Essa forma passional de lidar com o mundo está explícita em nossa cultura. O “jeitinho” brasileiro pode ser explicado pelo fato de grande parte de nosso povo não saber discernir entre público e privado, recusando formalidades em de-

trimento da ética e da civilidade, como bem colocou Roberto Damatta. Vemos isto acontecer em programas de fomento à cultura, realizados pelos governos estaduais e municipais: sempre os mesmos nomes em cena. A divulgação dos nomes “selecionados” para o último “Programa Música Minas” foi um bom exemplo!